

Fonte: DESP Class.: LiderançasData: 14/08/92 Pg.: 3

Nada como ser índio

As notícias provocadas pela morte do cacique Tutu Pombo servem para pôr a nu muito da exploração tecida e alimentada em torno do fenômeno que se pôde intitular a indústria do índio. Esse caiapó felizardo e afoito acumulou fortuna incalculável, formada por uma receita nunca inferior a algo em torno de 4 a 6 milhões de dólares/ano, engajado em atividades características da economia global, a que se havia associado com o faro que distingue os magnatas. Abriu a reserva de que era titular à exploração madeireira e à mineração de ouro, enquanto embolsava verbas obtidas de entidades estrangeiras; e, de quebra, vendia produtos naturais para cadeias de lojas no Exterior. Em suma, um capitalista bem-sucedido. De onde é possível concluir que, para certos críticos do capitalismo, esse sistema econômico não é condenável em si, desde que praticado por um *cupincha*, como era o caso desse infável Tutu.

O subsolo da Amazônia pode ser considerado, no que se refere à existência de recursos minerais, o mais rico do mundo. Levantamentos efetuados para avaliá-lo estimam que tais recursos ultrapassem a casa dos 4 trilhões de dólares — um PIB japonês. Mas vêm sendo, cautelosamente, congelado pela implantação de reservas indígenas, de extensão exagerada, defendidas acintosamente por entidades internacionais formadas por ecologistas, ambientalistas e *filossilvícolas* de todo tipo, que as querem devidamente preservadas da exploração do homem branco, mas não protestam quando essa mesma exploração é promovida por algum cacique que deva ser adulado, como Tutu Pombo. Junte-se a esses grupos de pressão a atividade incansável de outros grupos, a agir dentro do País, com os mesmos objetivos inconfessáveis, porém apoiados por uma mídia ativíssima na comunica-

ção de massa, e se verá que o problema da promoção do índio transformado em instrumento de uma luta travada contra o interesse nacional nada tem de insignificante.

Mencionou-se antes a exploração madeireira. Tem-se, então, que quando há queimada na Amazônia o mundo pode protestar contra o Brasil: destrói-se o (suposto) pulmão da Humanidade para transformar a floresta em pasto ou campo inútil por iniciativa do homem branco, predador capaz de assassinar os indefesos patronos dos índios. Quando são estes que cortam as árvores e exportam a madeira, como fazia o espertíssimo Tutu, a ordem, vinda de cima e devidamente orquestrada, é ficar de bico calado e assistir à devastação sem reclamar.

No meio dessa situação esdrúxula a que é preciso pôr termo se insere a Funai, transformada em cabide de sinecuras e atuante em sentido de mão única, sempre a apontar na direção de um doce paternalismo que ensina a privilegiar os "povos da floresta". Trata-se, evidentemente, de uma situação estranha, que encobre simultaneamente falta de patriotismo e uma espécie singular de desumanidade. Milardário, Tutu Pombo embolsou milhões de dólares e nada fez por sua tribo, reduzida à miséria. Que importa? Tinha o melhor título para tudo o que quisesse fazer: era índio.

